

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Categorias e formas verbais e a progressão textual**. Revista de Letras Universidade de Rosário, Rosário, v. 5, p. 168-173, 1997.

# CATEGORÍAS E FORMAS VERBAIS E A PROGRESSÃO TEXTUAL

LUIS CARLOS TRAVAGLIA<sup>1</sup>

**L** Em nosso estudo sobre o funcionamento textual discursivo do verbo observamos haver uma correlação entre as formas e categorias verbais por um lado e a progressão temática ou do tópico discursivo ou a elaboração de um ponto desse tópico por outro lado. O objetivo deste artigo é apresentar as linhas gerais dessa correlação que pretendemos detalhar em estudos posteriores.

A *progressão* é o avanço do assunto ou temática do texto, pela passagem de um subtópico<sup>2</sup> para outro em contraposição à *elaboração de um ponto* em que esse avanço não ocorre, pois apenas são dados mais detalhes e informações sobre um ponto do tópico. Para cada tipo de texto o avanço ou a elaboração se dá de maneiras diferentes. Comentamos a seguir observações feitas sobre estes fatos para cada tipo de texto.

Na *descrição*<sup>3</sup> a progressão parece ser representada pela passagem de um subtema (situação, novo objeto, qualidades, elementos) ou tema para outro subtema ou tema<sup>4</sup>. A progressão se faz pelas formas finitas do verbo utilizadas neste tipo de texto<sup>5</sup>, enquanto o uso de formas nominais se presta à elaboração de um ponto, normalmente dando características de subtemas ou subpartes de um elemento descrito. Veja o exemplo (1) abaixo.

(1) "Os dançantes *continuavam* no compasso marcial da polaca, *executando* variadas figuras, ora *desenhando* meias-luas, ora *separando-se* em alas, *marchando* frente a frente, ora *fazendo* evoluções de homens e mulheres *separados*, para se *reunirem* depois de diferentes voltas. Os movimentos *eram* tardos e pesados; dentro de sapatos grossos e *ferrados*, *batendo* fortemente os pés no assoalho, *arrastando-se* com esforço, *faziam* um barulho seco, enorme, que *dominava* as vozes dos instrumentos." (Graça Aranha - A dança dos colonos alemães. Apud OLIVEIRA-1965: 123).

Observe-se que neste trecho há basicamente três subtemas que fazem a descrição progredir: os movimentos que compõem a dança ("*continuavam* no compasso marcial da polaca"), a natureza dos movimentos ("*eram* tardos e pesados) e os seus efeitos ("*faziam*..." e "*dominava*...") elaborados por verbos em formas nominais (por vezes participípios em função adjetiva).

Na *dissertação* a progressão parece ser representada pela introdução de novos conceitos, relações, explicações, etc. Como na descrição, formas nominais se prestam à elaboração de um ponto e as formas finitas à progressão. Todavia na dissertação é preciso estudar certas categorias que representariam elaboração tais como a exemplificação, a especificação e que são construídas com formas finitas. Acresce ainda que na dissertação a elaboração parece ser feita em trechos com formas finitas introduzidas por operadores tais como: ou seja, isto é, a saber, além de, mais que isso, etc. que seriam marcadores discursivos introdutórios de exemplificação, especificação ou paráfrase.

Na *injunção*, ou seja, nos textos em que há a determinação para se realizar uma situação (sobretudo ações), observa-se que quando se tem seqüências de situações (como nas receitas culinárias e nos manuais de instrução para uso e montagem de aparelhos), a progressão ocorre pela passagem da determinação de realizar uma situação para outra determinação. Como isso se faz utilizando formas verbais com modalidades imperativas e com a modalidade volitiva, a progressão se faz através dessas mesmas formas verbais (imperativo, infinitivo, presente do indicativo de sujeito indeterminado com o pronome se ou com o pronome você, o presente do indicativo de auxiliares modais que expressam modalidades imperativas e volitivas, tais como "dever, ter de/que, orde-

nar, desejar, permitir, etc." futuro do presente - cf. TRAVAGLIA-1991: 6.3.6). As formas nominais (o infinitivo sem modalidade imperativa) elaboram um ponto, indicando modo de realização, fim, estado de algo a ser utilizado na realização da situação (cf. TRAVAGLIA-1991: 6.3.6).

Vimos em TRAVAGLIA (1991:6.3.6):

a) que, na dissertação, as formas nominais expressam informações secundárias, excetuado o infinitivo, quando forma orações subordinadas substantivas, pois neste caso coloca processos expressos pelos verbos como tema, como objeto de análise;

b) que, na descrição, as formas nominais também veiculam informação secundária;

c) e que, na injunção, as formas nominais também indicam informações secundárias: o infinitivo, quando não tem os valores modais referidos acima, indica modo, fim ou forma orações substantivas tal como nos outros tipos de textos (Exs.: *Misture a clara em neve sem bater / Frite na margarina por 2 minutos para dourar*); o gerúndio aparece sempre indicando o modo de realizar uma ação (Ex.: *Cozinhe em fogo brando mexendo sempre*) e o particípio indica estado resultante de uma ação realizada antes da ação em que será utilizado o elemento cujo estado é dado pelo particípio, expressando pois uma anterioridade (Ex.: *Pegue três batatas grandes cozidas e picadas em cubos*).

A partir de tais dados e do proposto acima sobre as formas verbais que fazem a elaboração de um ponto, pode-se colocar a hipótese de que na descrição, dissertação; e injunção a elaboração de um ponto acontece sempre com as formas nominais que veiculam informação secundária. Parece que há, portanto, uma correlação entre relevância e progressão/elaboração de um ponto.

Na narração tipo história a progressão é representada pela passagem de um acontecimento para outro da seqüência de acontecimentos que constituem a narrativa. Essa progressão parece se dar em dois planos:

a) uma progressão da história em si, ou seja, dos acontecimentos que a constituem;

b) uma progressão no tempo referencial, ou seja, um avanço cronológico.

Nos dois casos a progressão se dá através de formas perfectivas: o pretérito perfeito do indicativo e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (essencialmente na narração passada, embora possam aparecer na narração presente com a função de fazer "flashback" e marcar anterioridade) e o presente do indicativo de verbos dinâmicos (essencialmente na narração presente, embora possa aparecer na narração passada com função ligada à relevância, marcando trechos de grande dramaticidade ou envolvimento emocional para o narrador)<sup>6</sup>. Formas imperfectivas (sobretudo o pretérito imperfeito do indicativo) parecem poder contar acontecimentos e com isso fazer avançar a história, mas não podem fazer avançar o tempo referencial. Isto pode ser confirmado ao fazermos a ordenação no tempo referencial de situações de narrativas de diferentes tipos<sup>7</sup>. A narração pode progredir nos dois planos com gerúndios e particípios que constituem orações reduzidas que correspondem a orações com formas finitas perfectivas. Nesse caso, estas formas nominais têm um valor perfectivo e mantém-se o princípio geral de progressão. O infinitivo pode fazer progredir a história, quando expressa um acontecimento da seqüência narrativa, parece que colocando-o como secundário. Veja-se o exemplo (1) abaixo.

(2) "...já se levantara e corraera ao telefone para cortar a ligação"<sup>8</sup>.

Às vezes a história progride através de um nome (quase sempre correspondente a um verbo cognato ou de sua área semântica) sobre o qual se faz um comentário e que introduz um acontecimento ocorrido na cadeia narrativa, parece que pondo-o em segundo plano. Um exemplo disso pode ser visto em (3) abaixo.

(3) a. "A resposta é negativa" (= Respondeu que não)<sup>6</sup>

b. "E novo pranto". (Chorou de novo)<sup>6</sup>.

É freqüente a narração progredir através de uma fala em discurso direto. A progressão seria pelo verbo dicendi com aspecto perfectivo que fica elíptico, fazendo com que a progressão se dê através da fala. Veja o exemplo (4), onde a ação progride pelos verbos em negrito e pela fala, antes da qual se pode subtender algo como "e pergunta".

(4) A menor *fica* pelos cantos, a cara amarrada, *rosnando*. Numa pausa, enquanto *procura* a pomada para fazer a fricção doméstica, *vê* a menor *tirando* o uniforme.

*Que é isso? Você não vai ao colégio?*<sup>6</sup>

No exemplo (5) abaixo, pode-se observar o mesmo fato: antes da primeira fala pode-se subtender "*Pai e filha se perguntam*" e antes da segunda fala, algo como "*O pai (ou A filha) sugere*".

A elaboração de um ponto na narração é constituída pelo fornecimento de mais informações sobre um mesmo acontecimento e se faz normalmente através de formas imperfectivas. Estas informações podem aparecer de diferentes maneiras:

1) serem representadas por elementos diversos que constituem um quadro de referência em que o acontecimento se encaixa. Esses elementos seriam: a) circunstâncias (lugar, tempo); b) indicação de participantes (personagens) e descrição dos mesmos; c) descrição de cenários e d) indicação de situações outras em andamento, quando da ocorrência da(s) situação(ões) que constitui (constituem) a cadeia de acontecimentos da narrativa. Neste caso temos sempre elementos "*descritivos*" em segundo plano;

2) serem representadas pela indicação de situações constituintes de outra (expressas por formas nominais, sobretudo participio e gerúndio, ou formas finitas perfectivas). Nestes casos pode ocorrer uma progressão interna entre as partes constituintes, como se houvesse o encaixe de uma narrativa em outra e uma recorrência do princípio de progressão através do encaixe. No exemplo (5), onde os fatos da narrativa contidos no trecho "*Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha por dois submarinos e um pedaço de avião*" são constituintes do fato expresso no trecho "*depois jogam uma partida de batalha naval*", pode-se observar o que estamos dizendo: no primeiro trecho a narrativa não progride (Isto só volta a acontecer quando um dos personagens sugere: "*Vamos fazer banana frita?*"), mas apenas se detalha o acontecimento expresso no segundo.

(5) Alisa os cabelos da filha, feliz já, de não ser nada. E a certeza de que a filha não tivera nada lhe dá súbita e incontrolada ternura. Beija-a avidamente, reencontrado em sua rotina e sossego.

*E agora?*

Agora, é tratar de passar a tarde juntos, como há muito tempo não passavam. Desencavam velhas revistas, deitam-se na cama e ficam vendo figuras, depois jogam uma partida de batalha naval, A6,F7, D8 - água.

Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha por dois submarinos e um pedaço de avião.

*Vamos fazer banana frita?*<sup>6</sup>

Neste caso se inclui também a indicação de fases da mesma situação. Veja-se o exemplo (6), onde os fatos especificados no trecho "*Começou .... aspecto do problema*" elaboram o acontecimento anterior "*Fez uma excelente apresentação*" e não fazem a narração progredir a não ser dentro da recursividade, como se fosse uma peguena segunda narrativa encaixada na primeira.

(6) Ontem o professor João participou de um seminário sobre favelas realizado pela Secretaria do Bem Estar Social. Fez uma excelente apresentação. Começou definindo com clareza o problema, continuou expondo suas causas e fatores complicadores e terminou propondo soluções práticas e baratas para o problema, especificando ações que podem resolver ou atenuar significativamente cada aspecto do problema. Após sua palestra foi elogiado e cumprimentado por todos. Hoje o prefeito o convidou para estruturar um plano diretor que oriente as ações da prefeitura, para solucionar a questão.

3) serem representadas por comentários *dissertativos* que avaliam os acontecimentos ou tentam explicá-los, justificá-los, etc.

Um processo bastante produtivo de *elaboração* de um ponto na narrativa é a *repetição* do mesmo acontecimento, ou para dar mais detalhes do mesmo ou para comentá-lo. A repetição do acontecimento pode ser feita:

a) pela repetição do verbo. Veja exemplo (7)

(7) 1º parágrafo

"A enfermeira M.J.S., de 39 anos, detida pela Polícia Ferroviária na Estação D. Pedro II (Central do Brasil) quando tentava pular um roleta

que, segundo ela, havia enguiçado, *foi espancada, estrupada* e roubada pelos dois guardas fardados, sexta feira à noite, de acordo com o seu depoimento na 2ª DP.

### 3º parágrafo

M. diz que *foi espancada e estrupada* sob a ameaça de um revólver<sup>9</sup>.

b) pela utilização de um sinônimo ou termo genérico. Veja exemplos (8) (sinônimo) e (9) (termo genérico).

(8) ".....Aí comeô a me contá da vida dela. De repente ela me chama na... na... na sala dela e me mostra a fotografia de dois meninos. Os dois filhos dela. Um de dezesseis e um de dezoito anos que *foram assassinados* no pantanal.

....foram com um casal que estava em lua de mel, de São Paulo, primos deles, tá?, pra i(r) pro pantanal. Assim, foram num dia pra voltá no otro. E não voltaram mais, porque os corero *mataram os quatro*"<sup>10</sup>.

(9) "José Francisco Filho (21 anos) *matou* a tiros Luís Carlos Oliveira (20 anos) e *feriu* o soldado da PM reformado Celso Delbem com um balaço nas nádegas. *O fato aconteceu* na madrugada de ontem, na rua Catingá, no bairro Tatuapé, Zona Leste da cidade"<sup>11</sup>.

c) pela utilização de nominalizações de verbos ou nomes relacionados a acontecimentos já colocados na narrativa, que se tornam então temas de frases ou trechos onde são "comentados". Veja exemplos de (10). Nestes casos a elaboração é feita com formas finitas e a nominalização evidencia que se vai falar mais de um acontecimento e não progredir a narrativa.

(10) a. No conflito entre policiais e ocupantes do terreno *morreram* dois posseiros. *A morte* dessas pessoas revoltou a opinião pública.

b. J.S.(20 anos) *matou* T.J. (18 anos) *com duas facadas*. Os *golpes* atingiram a vítima no peito e no ventre.

Elaborações pelo processo *a* (de repetição do verbo) são muito freqüentes nas narrativas orais em virtude das características de planejamento desse tipo de texto (Cf. a repetição do verbo "ir" no exemplo 8). As elaborações pelo

processo *c* são freqüentes nas narrativas de reportagens escritas ou orais.

Parece que a *voz passiva*, sobretudo em reportagens, é muito usada na elaboração de um ponto. Assim, por exemplo, em (10-b) poder-se-ia continuar a elaboração dizendo: "T.J. era amante de J.S. e *foi morta* por ciúmes". A voz passiva também parece prenunciar ou introduzir uma elaboração. Todavia é preciso verificar com mais cuidado essa hipótese sobre o papel da voz passiva na elaboração de um ponto.

É interessante observar que há dois tipos de passagens narrativas em que não temos progressão, mas sim a elaboração de um ponto do texto. Nestes casos, as situações expressas pelos verbos não são seqüenciáveis e constituem um comentário ou constituem o próprio texto como uma espécie de comentário. No primeiro caso temos uma ou mais situações que aparecem ligadas a outra e, embora não sejam partes ou fases desta, representam, em relação a ela, exemplos, conseqüências, reações, especificação ou outros elementos nesta linha.

(11) Pedi a meus filhos que *fizessem* um trabalho artístico. João *escreveu* um poema, Paulo *pintou* um quadro e Maria *fez* uma estátua.

No segundo caso temos uma ou mais situações que aparecem englobadas no período de tempo de realização de outra ou em um período de tempo especificado no texto, constituindo uma espécie de efeito lista, quando se tem mais de uma situação. A(s) situação (ções) ficam como uma espécie de conteúdo num continente que é o período de tempo, deixando de ter valor sua dimensão temporal que dá a ordem referencial das situações de uma narrativa tipo história<sup>12</sup>. Talvez se possa considerar este segundo caso como um subcaso do primeiro, já que sempre temos uma espécie de especificação de situações englobadas no tempo de realização de outra ou num período de tempo dado, sem que elas constituam uma cadeia de acontecimentos. No exemplo (12), temos a especificação de ações acontecidas durante um "Reveillon", sem a preocupação com seu encadeamento em uma seqüência. Aí as situações não seqüenciáveis elaboram um ponto de uma dissertação. No exemplo (13), observa-se que "casou", "fez", "deu", "teve" e "conquistou" são situações

ocorridas nos "5 anos que João viveu aqui" e que não podemos seqüenciá-las como numa história. Elas constituem uma espécie de comentário, elaborando um ponto da narração. A seqüência de acontecimentos narrativos ocorre entre "viveu" e "fugiu".

(12) "No Thalia. Teve um, R. que, olhe que eu... que eu... eu... eu.../ (Porque) cê fica dançando, cê fica su/, né?, sua pra burro, então cê bebe bebe bebe. Olha eu *bebi* a noite inteira, mas eu não *fui* uma vez sequer no banheiro. De tanto que eu *suei*. Eu não *parei de dançar*"<sup>8</sup>.

(13) José *viveu* 5 anos aqui. Neste tempo *casou-se*, fez uma casa, *deu* aula no colégio, *teve* dois filhos, *conquistou* muitos amigos. Mas depois fugiu abandonando tudo.

Se relacionarmos o que vimos aqui com a superestrutura dos textos narrativos, veremos que as partes da narrativa são mais ou menos especializadas no que se refere à progressão e à elaboração na narrativa conforme o quadro abaixo<sup>13</sup>.

### Progressão

### Elaboração

- Resumo
- Complicação (Exceto as orações restritivas)
- Resolução
- Orientação
- Complicação (Apenas as orações restritivas)
- Avaliação

Já levantamos anteriormente a hipótese de que há uma relação entre progressão temática ou do tópico discursivo e elaboração de um ponto por um lado e questões de relevância por outro lado para os textos dissertativos, descritivos e injuntivos. Após a observação do que ocorre na narração e lembrando que nesta as formas perfectivas são de primeiro plano ou figura e as imperfectivas são de segundo plano ou fundo, pode-se ampliar a hipótese também para os textos narrativos e para outros tipos de fenômenos de relevância e não apenas a indicação de informação essencial ou secundária. Podemos propor a hipótese de que nos textos de qualquer tipo (constituídos basicamente por descrição, dissertação, injunção e narração) a progressão se faz através de formas de figura, primeiro plano e de

informação essencial ou principal e a elaboração de um ponto através de formas de fundo, segundo plano e de informação secundária. Isto demonstra mais uma vez que os fatos da língua não podem ser estudados isoladamente uns dos outros, mas é preciso sempre estar atento para tais tipos de interrelações.

Creemos ter ficado evidenciado aqui que as formas e categorias verbais, realmente têm a ver com o desenvolvimento e a organização tópica<sup>2</sup> em textos escritos e orais, uma vez que há formas e categorias que são apropriadas à realização da progressão temática ou do tópico discursivo e outras que são apropriadas à elaboração de um ponto deste mesmo tópico nos diferentes tipos de textos. Certamente que alguns outros fatores, como vimos, afetam a atuação do verbo neste aspecto da constituição dos textos.

Uberlândia, abril de 1993.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean Michel e PETITJEAN, A. (1982). "Introduction au type decriptif" in *Pratiques* n° 34. Metz, 1982: 77-92. (1982a). "Les enjeux textuels de la description" in *Pratiques* n° 34. Metz, 1982: 93-117.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii (orgs.)(s/ data). *Contos e crônicas* vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa.
- JUBRAN, Clélia Cândida A. S, TRAVAGLIA, Luiz Carlos et alii (1991). "Organização tópica da conversação" in ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado* Vol. II: *Níveis de análise lingüística*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992:357-447.
- LABOV, Willian e WALETZKY, Joshua (1967). "Narrative analysis: oral versions of personal experience" in HELM, J. (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Washington, Washington Universit Press, 1967: 12-44.
- LABOV, Willian (1972). "The transformation of experience in narrative syntax" in *Language in the inner city. Studies in the black english vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972: 354-396.
- OLIVEIRA, Cleófano Lopes de (1965). *Flor do Lácio*. São Paulo, Saraiva.
- RICARDOU, J. (1973). *Le nouveau roman*. Paris, Seuil.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1991). *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. Campinas, Tese de doutorado, IEL/UNICAMP.

## NOTAS

1. Professor Titular de Lingüística e Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal de Uberlândia - Brasil. Mestre em Letras (Língua Portuguesa) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil) e Doutor em Ciências (Lingüística) pela Universidade Estadual de Campinas (Brasil).
2. Cf. em JUBRAN, TRAVAGLIA et alii (1991) a questão dos supertópicos, tópicos, subtópicos, etc.
3. Os tipos textuais referidos neste artigo estão sendo tomados tal como definidos em TRAVAGLIA-1991, dentro da tipologia que está ali proposta.
4. Estamos nos referindo aqui às categorias da superestrutura proposta por RICARDOU (1973) e adotada por ADAM e PETITJEAN (1982 e 1982a).
5. Estas formas são: o presente do indicativo para a descrição presente e o pretérito imperfeito do indicativo para a descrição passada (Cf TRAVAGLIA-1991).
6. Cf. o que dizemos em TRAVAGLIA-1991: item 6.3.6.
7. Cf. TRAVAGLIA-1991: cap. 5 e anexo.
8. "A farsa e os farsantes" Carlos Heitor Cony apud AZEVEDO FILHO (s/data:63-65).
9. "Mulher pode reconhecer estupradores" in Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129. Caderno "Cidade". Rio de Janeiro, 15/08/1989: 5.
10. Trecho de BERLINCK, Rosane de Andrade. Transcrição do inquérito nº 3, gravado em 11/01/1987.
11. "Executou inimigo e ainda queimou um PM reformado" in Notícias Populares nº 9.307. São Paulo, 24/10/1989: 6.
12. Cf. TRAVAGLIA (1991).
13. Utilizamos as partes da narrativa propostas por LABOV e WALETZKY (1967) e LABOV (1972). Observa-se que as orações restritivas normalmente são de orientação ou avaliação, encaixadas na complicação, e construídas quase sempre com formas imperfectivas, o que confirma o princípio básico da progressão e elaboração na narração:  
formas perfectivas —> progressão  
formas imperfectivas —> elaboração